

UMA REFLEXÃO PSICOSSOCIAL DA MEIA IDADE MASCULINA

Grazielle Ferreira da Silva Floriani¹
Claudia Waltrick Machado Barbosa²

RESUMO

Este estudo acerca do desenvolvimento humano, tem como foco a vida adulta. Mas durante o estado da arte foi constatado, que muitos estudiosos se dedicam ao tema desta fase da vida, direcionando seus olhares para as mulheres. Partindo deste pressuposto, esta pesquisa tem o foco no desenvolvimento do sexo masculino. O estudo está pautado nos homens com idade compreendida entre 30 a 50 anos de idade, período denominado como andropausa ou popularmente conhecido como a idade do "lobo". Neste período é possível fazer uma inter-relação do sujeito em três áreas: social, biológica e psicológica durante o processo de envelhecimento. Esta fase está fortemente ligada aos papéis e aos "compromissos sociais" tais como família, carreira, filhos, amigos, uma vez que a meia-idade é um período de transição dos "papéis" frente aos relacionamentos sociais, evidenciando produções de autonomia, domínio do ambiente, autoaceitação, autonomia, crescimento pessoal e geraticidade no decorrer do desenvolvimento. Para este estudo foi utilizado uma pesquisa qualitativa com pesquisa bibliográfica.

Palavras Chaves: Psicologia, Andropausa, Meia Idade, Envelhecimento.

A REFLECTION OF MIDDLE-AGE MALE PSYCHOSOCIAL

ABSTRACT

This study about human development, focuses on the adults life. But during the State of the art was found, that many scholars dedicated to the theme of this phase of life, directing their looks for women. Based on this assumptions, this research has focuses on male development. The study is based in men aged 30 to 50 years of age, a period referred to as andropause or popularly known as the age of the "Wolf". In this period it is possible to make an interrelation of the subject in three areas: social, psychological and biological during the aging process. This phase is strong like to the roles and the "social" commitment such as family, career, children, friends, since the Liddle age is a period of transition "roles" front of social relationships, showing production of autonomy, the environment, self-acceptance, Independence, personal growth and geraticidade in the course of development. For this study we used a qualitative research with bibliographic research.

Keywords: Psychology, Andropause, Middle Age, Aging.

¹ Acadêmica da 10ª fase do Curso de Psicologia do Centro Universitário Unifacvest.

² Psicóloga e pedagoga – Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Unifacvest, Mestre em educação, especialista em terapia familiar e de casal.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema o universo masculino, a partir da psicologia social, sob a ótica da identidade humana como um fator de transformação. Antes de apresentar o tema torna-se relevantes apresentar o objeto de estudo. A vida adulta, é considerada indivíduos na faixa etária compreendida entre 30 a 50 anos de idade. Neste período, o homem passa pelo processo de Andropausa³, popularmente conhecido como “fase do lobo” ou “crise dos 40”. O termo foi cunhado pelo psicanalista Elliott Jacques, para descrever um período onde é possível observar algumas mudanças de personalidade e físicas, um período supostamente estressante desencadeado pela análise e pela reavaliação da vida (PAPALIA; OLDS & FELDMAN, 2006).

O universo da pesquisa tem como foco o sexo masculino. O embasamento teórico está situado na psicologia social que compreende a identidade humana como um fator de transformação, reflexão das alterações psicossociais e nas relações do indivíduo e sociedade, nesta comunicação e significações na constituição da identidade e do envelhecimento. Revisando estudos buscou-se a compreensão da influência mútua homem-sociedade, apreendendo dimensões objetivas e subjetivas (CIAMPA, 1993 apud PEDRO, 2013).

As transformações do “eu” e as transformações coletivas em direção ao nível da identidade remetem às categorias diversas: viver e envelhecer em uma cultura masculina complexa, onde o universo do trabalho se confronta com o não-trabalho (desemprego ou aposentadoria), a afetividade e a sexualidade se contrapõem aos relacionamentos interpessoais, arranjos familiares, na avaliação das mudanças biológicas e físicas, a construção da identidade fortemente ligada aos papéis e aos “compromissos” sociais (ERIKSON, 1976 apud EIZIRIK et al 2001).

Apontando o desenvolvimento num processo contínuo, conforme Duarte (1999), comentou sobre as idades do indivíduo, para tanto se utilizou da divisão proposta por Birren (1959), que classificou o indivíduo em três idades, sendo elas: social, biológica e psicológica. A transição consiste numa avaliação intrapsíquica de todos os aspectos de vida, e pela necessidade de tomar decisões na manutenção das estruturas, como casamento, família, amizades, carreira, que foram construídas ao longo do seu processo de desenvolvimento e passando por mudanças biológicas, onde aloca-se na “meia-idade” um momento de balanço em

³ A andropausa, também conhecida por menopausa masculina, é a diminuição lenta da testosterona no sangue, que é o hormônio responsável por controlar o desejo sexual, a ereção, a produção de espermatozoides e a força dos músculos. Embora, a andropausa seja uma etapa normal do envelhecimento do homem, ela pode ser controlada através da reposição de testosterona através de remédios, prescritos pelo endocrinologista ou urologista. Além destes sintomas, a andropausa masculina pode afetar emocionalmente o homem, manifestando-se com o aumento da irritabilidade, dificuldade de concentração, ansiedade e, em alguns casos depressão.

relação aos papéis e aos relacionamentos. A passagem da “meia idade” é um fenômeno evolutivo natural quase comum, a “crise” na “meia-idade” é um modo patológico vivenciado por poucos (COLARUSSO, 2000 apud EIZIRIK et al, 2001).

Para Freiman (2004), assim encarada, a idade adulta é parte do desenvolvimento humano integral e não uma predestinação ao fim, é o resultado dinâmico de um processo global de uma vida, durante a qual o indivíduo se modifica incessantemente, tais mudanças que um ser humano experimenta em qualquer idade, podem ser brandas ou abruptas, conscientes ou inconscientes, culturais, históricas, sociais, psicológicas ou biológicas. Quando conscientizadas, causam dele uma comparação, um diálogo e uma revisão entre a sua situação vivencial presente e a vivenciada anteriormente, além de propiciar uma nova probabilidade de reorganização de futuros confrontos.

O estudo do desenvolvimento humano, conforme Papalia Olds & Feldman (2006, p.542), “é complexo pelo fato de que a mudança e a estabilidade ocorrem em diversos aspectos de vivencia do sujeito. As mudanças que decorrem nas dimensões biológica, psicológica e social podem não ter o mesmo ritmo”. No entanto, como arquétipo, o envelhecimento cronológico se distingue no que diz respeito ao envelhecimento psicológico, onde este está relacionado às mudanças que ocorrem no comportamento do indivíduo no decorrer de sua vida, considerando sua individualidade e diversidade (GATTO, 2002 apud PORTELLA et al 2007).

A idade cronológica é uma das grandes influências que regulam o comportamento social e as relações entre os membros no gênero masculino, tanto quanto no gênero feminino. Outra influência comportamental social é a comunicação, seja ela verbal ou corporal, segundo definição clássica da representação social apresentada por Jodelet, (1985), são modalidades de conhecimento objetivo, apontadas para a conversação e para a captação da conjuntura social, material e ideativo em que vivemos. São, por conseguinte, configurações de conhecimento que se despontam como informações cognitivas, imagens, conceitos, categorias, teorias, contudo que não se restringem jamais aos componentes cognitivos, essa informação permitiu um avanço enorme para a Psicossociologia, essa consideração colaborou para o desenvolvimento dessa área da ciência no alcance em que se estabeleceu em algo novo em relação à noção de caráter (FREIMAN, 2004).

As teorias das representações sociais se dão diante ao posicionamento dos indivíduos, frente a objetos cotidianos, não mais como reações singulares, e sim como reatualização de saberes compartilhados por grupos. A questão que abrange o comportamento social no processo do desenvolvimento é a aparência física, é, no entanto, um indício gritante do envelhecimento, como aponta uma pesquisa realizada por Limoeiro (2012), descreve que um dos temas mais

citados no processo de envelhecer, estão relacionados às características ou mudanças na aparência que o envelhecimento pode acarretar, qual seria a perda das características juvenis (DOISE et al 1989, 1986; FARR, 1992, SÁ, 1996 apud CAMARGO et al 1999).

A imagem relacionada à aparência física passa a reger o valor social, refletindo nas relações de interação dos indivíduos com a sociedade, de acordo com Blessmann, (2004, apud Coutinho et al, 2013), temos um corpo simbólico que deriva das construções sociais e culturais construídas ao longo do desenvolvimento do sujeito. As perspectivas para o futuro apontam, de um lado, a valorização do jovem/juventude e a repulsa ao declínio do corpo e, de outro, a recusa da morte e o desejo de prolongar a vida, como forma de compensar e de se ajustar com os novos meios disponíveis para retardar o progresso da velhice (PRADO, 2002 apud DAMASCENO et al 2008).

Whitbourne e Connoly (1999 apud Papalia, Olds & Feldman, 2006, p. 632), pontuam que:

Subsequentemente, a identidade é desenvolvida de percepções que foram acumuladas do self, tanto conscientes como inconscientes. Traços de personalidade percebidos, características físicas e aptidões cognitivas e psíquicas são incorporadas ao esquema de identidade, essa percepção de nós mesmos é constantemente confirmada ou alterada em resposta às novas informações, que podem ser provenientes de relacionamentos íntimos, de situações relacionadas com o trabalho, de atividades comunitárias, família, carreira e de outras experiências.

Assim justifica-se este estudo, devido à sociedade contemporânea abranger diversas transformações na concepção do desenvolvimento adulto e do envelhecimento, no que se refere à pensamentos e comportamentos, idade e gênero masculino. A partir da perspectiva que o envelhecer nesta faixa etária consiste na negação da perda de identidade, faz-se necessário, então, analisar o processo do desenvolvimento humano e a constante busca de retardar o envelhecimento, pautada pela busca de uma velhice “bem-sucedida”. Cabe aqui analisar as produções psicológicas do processo de envelhecimento, bem como investigar a história do homem no processo do envelhecer, sob a luz das influencias socioculturais e da psicologia social.

O psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1969) segundo Papalia. Olds & Feldman (2006), foi o primeiro grande teórico do desenvolvimento adulto, estabelecendo manifestação de um verdadeiro self através do equilíbrio ou integração de componentes da personalidade, para um desenvolvimento emocional mais saudável na meia idade. Embora os grupos sociais partilham regras, ideias e elaboram informações próprias ao longo da sua história e sob o reflexo das

diferentes relações que estabelecem, nesse processo, a identidade de seus membros se constrói, carregando-lhe especificidade (ARAÚJO, 2008 apud COUTINHO et al, 2013).

Para Costa (1991 apud Mendonça, 2007), este preceito teórico é para determinados autores visto como especulativo, uma vez que tem por embasamento uma finalidade essencialmente demonstrativa e não empírica. Como tal, uma das críticas que se distingue a de Erikson é a dificuldade de uma demarcação conceitual rígida do conhecimento de identidade, isto é, não se assemelhar a permanecer uma significação precisa e consistente do conceito de identidade, uma ocasião que necessita de um procedimento adaptado, que certifique a operacionalização deste conceito.

Segundo Blessmann (2004 apud Coutinho et al, 2013), é na idade avançada que se concentra o período mais dramático, umas das problemáticas é transformação da imagem física, pois é complexo aceitar uma imagem envelhecida em uma sociedade que tem como apontador a juventude. Medrado (2008 apud Coutinho et al 2013, p. 224), afirma que:

Compreender a representação social da velhice é perceber as representações e os significados impostos a essa etapa do desenvolvimento e às decorrências dessas representações sobre a identidade dos adultos, enfim, é abranger seu espaço no ambiente em que estão inseridos.

Como Erikson (1976) ressaltou, a identidade está intimamente ligada aos papéis e aos compromissos sociais ("Sou mãe", "Sou professor", "Sou cidadão"). Uma vez que a meia-idade é uma época de avaliação em relação aos papéis e aos relacionamentos, ela pode trazer à tona questões de identidade não-resolvidas.

O presente estudo apresenta como problema de pesquisa as produções psicológicas do processo de envelhecimento masculino. Como produtos de sua socialização em determinados segmentos sociais, representações de "papeis" sociais, ao mesmo tempo, aborda aspecto a adaptação na criação desta realidade no processo do envelhecer. Para compreendermos algumas questões frente ao funcionamento psíquico ao longo do desenvolvimento humano, é de extrema importância conhecer primeiramente o funcionamento psicossocial.

Segundo Elzirik et al (2001, p. 159), o funcionamento psíquico fundamenta-se numa complexidade de elementos biológicos, psicológicos e sociais, sendo que é possível observar nos estágios do desenvolvimento as mudanças de comportamentos e emoções no proceder da idade, logo no desenvolvimento psicológico não prossegue de maneira monótona em estágios, pois para o autor:

Entretanto, descontínuos, separados por períodos de mudanças bruscas ou de transição de um estágio para outro, o que torna cada estágio essencial para o desenvolvimento.

Logo que o processo psicológico não há período cronológico para percorrer nas mudanças, assim sendo muitas vezes difícil a associação entre as emoções e comportamentos ao estágio em si.

Conforme Papalia, Olds & Feldman (2006, p.553), “existem quatro importantes abordagens do desenvolvimento psicossocial adulto que são representadas por: modelos de traços, modelos tipológicos, modelos de crises normativas e pelo modelo de momento de ocorrência de eventos”. As variantes da teoria de Erikson (1092-1994) surgiram a partir de estudos pioneiros de George Vaillant e Daniel Levinson em 1977, tendo como o modelo de crises normativas, todos os quais originalmente fundamentados na pesquisa com homens, sustentam que todas as pessoas adotam a própria sequência básica de mudanças sociais e emocionais relacionadas com a idade. As mudanças são normativas no sentido de que parecem ser corriqueiras à maioria dos membros de uma população, e elas emergem em períodos sucessivos, muitas vezes, marcadas por crises emocionais que preparam o caminho para um maior desenvolvimento (EIZIRIK et al, 2001).

O estudioso do desenvolvimento humano Erick H. Erickson (1976) um dos mais influentes psicanalistas, ampliou a teoria Psicanalítica do desenvolvimento, focalizando seu interesse além das questões da gravidade das primeiras experiências. Sua teoria é tomada para o desenvolvimento do ego ao longo do ciclo vital, sendo o ego o aparelho mais utilizado pelo indivíduo para organizar informações externas, testar percepções, eleger memórias, alcançar ações adaptativas e integrar capacidade de orientação, planejamento de estágios do desenvolvimento do ego, que abrangem desde o nascimento até a morte (EIZIRIK et al, 2001).

Outro fator importante a ser contextualizado ao longo do desenvolvimento humano, é o processo psicossocial, tendo como base nas representações sociais como pesquisa e concepção e na constituição da personalidade do sujeito na sociedade, a Psicologia Social tem como elemento de estudo transdisciplinar do sujeito no seu meio, sendo necessário destacar a diferença entre o estudo da psicologia, sociologia e antropologia e a integração destas exterioridades de grande influência na constituição da personalidade e do desenvolvimento do ser humano (JODELET,1985 apud SPINK, 1993).

As representações sociais são formas de conhecimento socialmente construídas pelos integrantes dos grupos para explicar as relações estabelecidas entre eles, com outros grupos e com a natureza, isso ocorre mediante o costume coletivo das conceitos, histórias e experiências vividas por um grupo social particular, e essa constituição vai servir de orientação para a ação social, a função essencial da representação Social, para aqueles que concebem, é tornar aquilo

que não é familiar em algo familiar, próximo e prático (PIZZOLATO, 2008 apud COUTINHO et al, 2013).

Segundo a definição clássica das representações sociais apresentadas por Jodelet (1985) são modalidades de conhecimento prático orientadas para a conversação e para a abrangência do contexto social, material e ideativo em que vivemos. A compreensão não somente das produções psicológicas como a cognição, emoção, comportamento e identidade, todavia a integração do conjunto do contexto social a abrangência da comunicação, linguagem, desempenho e idealização do sujeito na sociedade (SPINK, 1993).

Fuller (1988 p. 304) comenta que, “O psicologismo [...] envolve a avaliação do estado mental que o produtor traz para o processo de conhecimento, enquanto o sociologismo [...] envolve a avaliação das consequências do processo de conhecimento”. A partir desta afirmação o autor, fala sobre a importância de analisar e separar a Psicologia das demais áreas de conhecimento, onde está seria mais suscetível a descrever os processos mentais e comportamentais do sujeito, ao passo que a Sociologia envolve a consequência das ações aprendidas, desse processo de conhecimento acarretando tais conhecimentos na sociabilização.

Numa tentativa de pontuar as diferenças, pensando mais especificamente nas abordagens da Psicologia e da Antropologia, Sperber (1989 apud Spink 1993, p.301), comenta que:

Podem ser abordadas, enquanto episódios interindividuais, como representações mentais, estudadas pela Psicologia Cognitiva e pela Psicanálise, objeto de estudo da Psicologia Social é apenas uma sombra, como subsídios centrais da comunicação, sendo então caricaturas manifestas objeto de estudo da Antropologia, elementos grupais, comunicados frequentemente e disseminados igualmente numa determinada formação social, sendo então representações culturais.

Portanto, segundo Dicionário Aurélio (2008, p. 305), “representação é também o “ato ou efeito de representar (se)”, é uma “interpretação”. Nesta perspectiva, não é mais a natureza do conhecimento divulgado em representações que está em pauta, porém suas alusões práticas”. Neste sentido, reportando-nos a Wittgenstein (1953 apud Spink 1993), e aos interacionistas simbólicos por ele influenciados, somos atores sociais engajados na construção de identidades funcionais que nos permitem ajustar as relações sociais, somos fortemente influenciados e deparamos com a relação da individualização na construção da personalidade no meio social

Este segundo sentido, abre caminho para as modernas análises de discurso Edwards e Potter, 1992 e Jodelet (1985) onde a ênfase não recai mais na estrutura linguística ou nos conteúdos cognitivos, mas na organização social da alocação. Deixa, assim, de existir qualquer afastamento entre linguagem e ação, seja pela mediação cognitiva ou pela mediação do contexto

social, pois a linguagem é uma das formas do sujeito interagir na sociedade, contudo não há somente ato/ação, e sim um diálogo simultaneamente. Constituinte necessariamente de estruturas dinâmicas (SPINK, 1993).

Esta propriedade de flexibilidade e permeabilidade que as distingue, conforme afirma Moscovici (1989) das representações coletivas de Durkheim ou, mesmo, das representações culturais de Sperber (1989), esta característica, ainda, que as aproxima das modernas análises de discurso influenciadas por Wittgenstein (1953 -1985), o estudo empírico das representações sociais revela, frequentemente, a concomitância de substâncias mais duráveis e de conteúdos dinâmicos, mais sujeitos à mudança (SPINK, 1993).

As representações sociais, portanto, são tanto a expressão de permanências culturais como são os lócus da multiplicidade, da diversidade e da contradição. Sendo assim a representação social ela é dinâmica e construída ao longo no decorrer no processo do desenvolvimento, uma construção de múltiplas características e influências do meio social, estabelecendo assim construção de uma personalidade, constituição de uma linguagem seja verbal ou corporal, aspectos cognitivos e psicológicos, e na construção de suas crenças e subjetividades (SPINK, 1993).

As representações sociais são campos socialmente estruturados na interface de conjunturas sociais podem aparecer em dois aspectos: aquisições históricas de curto e longo prazo, cabe ressaltar as conjunturas sociais de longo prazo estaria ligada ao fantasioso social seria, assim, o conjunto cumulativo das produções culturais que cercam numa determinada sociedade sob formas as mais variadas: iconografia, literatura, canções, provérbios, mitos, religião. Onde as produções de curto prazo são filtradas pelas representações hegemônicas indispensáveis da epistême Foucault (1987), ou seja, visão de mundo, de uma determinada época histórica momentânea, influência da mídia jornais, revistas, telenovelas, ídolos entre outros (SPINK, 1993).

Conforme definido por Bourdieu (1983 apud Almeida e Cunha, 2003), como instalações obtidas em função de se pertencer a determinados grupos sociais. Entretanto, as representações sociais são (re) combinações de conteúdos obsoletos sob influência das forças do grupo, elas são também conservadas pelos produtos do conhecimento, que circulam publicamente através da mídia e das inúmeras versões populares destes produtos tais como tratamentos de doenças, transplantes, cirurgias entre outras.

Refletindo o sujeito como ser dinâmico social e criador de seu meio social, possibilitando analisar sua condição histórica, levando em conta as novas tecnologias em conjunto a ciência que possibilita este sujeito na formulação e compreensão de si, e as suas

novas possibilidades de ser, a informação como mídia, visa de maneira adequada estabelecer um conjunto de estudo capaz de estruturar os elementos sociais, podendo ter pontos positivos quanto negativos no processo do desenvolvimento (ALMEIDA e CUNHA, 2003).

Outra questão que atinge o comportamento social no processo do desenvolvimento é a aparência física, que é um indício evidente do envelhecimento, como aponta uma pesquisa realizada por Limoeiro (2012), onde expõe que os temas mais citados no processo de envelhecer estão pertinentes às características ou mudanças na aparência que o envelhecimento pode trazer que seria a perda das características juvenis. Neste conjunto, a imagem física, que é alterada durante o ciclo da vida, pode ser compreendida como uma subjetiva representação mental da aparência física que representa todas as formas que uma pessoa experimenta e conceitua seu próprio corpo, entusiasmando e apontando uma nova percepção de estrutura de desenvolvimento psicossocial (TAVARES, 2003 apud EIZIRIK et al, 2001).

A crise de “meia-idade” ou idade adulta foi conceitualizada como uma crise de identidade, foi apontada como segunda adolescência, o que a suscita Jacques (1996, apud Papalia & Feldman, 2006, p.630), ao defini-la:

É a consciência da mortalidade, muitas pessoas nesse período entendem que não serão apropriados de realizar os sonhos de sua juventude ou que a concretização de seus sonhos não trouxe a contentamento que esperavam, sabem que, se quiserem modificar de direção, necessitam agir ligeiramente

Levinson (1996) apoiava que a desordem da “meia-idade” é inevitável à medida que as pessoas afrontam com a necessidade de reestruturar suas vidas numa nova perspectiva. A sexta crise de desenvolvimento psicossocial de Erikson (1976), intimidade versus isolamento, é a principal no argumento do início da idade adulta, os jovens adultos podem ter uma envoltura pessoal profunda com outras pessoas. Contudo, carecem também de um pouco de afastamento para refletirem sobre sua vida, à medida que vão definindo as demandas conflitantes de intimidade, de competitividade e de distância, desenvolve um senso de ética, que Erikson considerava a marca do adulto (EIZIRIK et al, 2001).

O início da “meia-idade” pode ser estressante, mas não mais do que alguns fatos do início da velhice, ao que parece, a “meia-idade” é apenas uma das trajetórias da vida, transição que tipicamente submerge de um exame introspectivo e uma reavaliação de valores e de prioridades. Esse balanço da “meia-idade” pode ser um ponto de virada psicológico. A transição consiste numa ponderação intrapsíquica de todos os aspectos de vida, arriscada pelo reconhecimento crescente de que ela é finita, essa mudança passa pela reavaliação de diversos feitos da vida, pela necessidade de tomar decisões para a manutenção de estruturas como

casamento, família, filhos, as amigas e a carreira, que foram construídas ao longo dos anos (COLARUSSO, 2000 apud EIZIRIK, 2001).

Para Freiman (2004, p.21), a idade adulta é parte do desenvolvimento humano integral e não uma predestinação ao fim, pois para o autor:

É o resultado dinâmico de um processo global de uma vida, durante a qual o indivíduo se modifica incessantemente, as mudanças que um ser humano experimenta em qualquer idade podem ser brandas ou abruptas, conscientes ou inconscientes, culturais, históricas, sociais, psicológicas ou biológicas, quando conscientizadas, causam dele um confronto, um diálogo entre a sua situação vivencial presente e a anterior, além de uma nova visão de futuro.

Elliott Jacques (1996), ressalta que o cenário psíquico entre o fato e a inevitabilidade da própria morte simbólica, é o ponto central e básico dessa fase, que caracteriza a natureza crítica desse período fundamentada num desequilíbrio fisiológico e, mais, na crença dessa eventualidade, a mente e o corpo possuem costumes de contrabalançar as mudanças que de fato acontecem, e são satisfatoriamente realistas para lidar com as alterações na aparência, no funcionamento sensorio, motor e sistêmico e nas capacidades reprodutivas e sexuais, essa capacidade de compensar tais mudanças ocasionara na própria reorganização do indivíduo no processo do envelhecer e de se ajustar a essa nova realidade, e a nova visão da sociedade, seja ela no grupo social de amigos, família trabalho e até mesmo na construção de uma nova perspectiva, e visão de sua imagem, um tempo de rever quais expectativas foram realizadas e quais ainda poderão realizar-se (PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2006).

As Transformações da personalidade e estilo de vida durante o início da idade adulta são atribuídas à crise da “meia-idade”, ocasião supostamente estressante desencadeado pelo exame e pela reformulação da vida. O termo foi cunhado pelo psicanalista Elliott Jacques (1967), ele irrompeu na consciência pública na década de 1970. O psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1969), o primeiro grande teórico do desenvolvimento adulto, amparava que um desenvolvimento saudável na meia-idade constitui individuação, a manifestação do self através do equilíbrio ou da integração das partes contraditórias da personalidade, abrangendo aquelas ainda até então negligenciadas, até aproximadamente os 40 anos. Segundo este autor, os adultos se concentram nas obrigações com a família e com a sociedade, desenvolvendo os aspectos da personalidade que os ampararão a obter os objetivos exteriores, as mulheres enfatizam a expressividade e o zelo, os homens orientam-se sobretudo às realizações (PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2006).

Na idade adulta as pessoas direcionam sua preocupação às suas essências, tanto os homens como as mulheres buscam uma "união de opostos" pela expressão de seus aspectos

anteriormente "abandonados" construindo "nova" ideologia. As transições variam individualmente e na meia idade elas podem abranger áreas fundamentais sociais do desenvolvimento como carreira, família, self e relacionamentos interpessoais entre outros, de acordo com O'Connor e Wolfe (1987 apud Quishida e Casado 2009) alguns autores pesquisaram os estados emocionais encontrados em indivíduos de meia-idade e os associaram às fases subjetivas nesse processo de transição dos "papeis" sociais.

Na maior parte das sociedades, o casamento é meditado a melhor forma de garantir uma criação ordenada dos filhos, ele permite uma divisão dos afazeres em uma unidade de consumo e trabalho, idealmente ele proporciona intimidade, amizade, afeição, realização sexual, companheirismo e oportunidade de crescimento emocional, em algumas tradições filosóficas orientais, a união harmoniosa entre homem e mulher é considerada essencial para a realização espiritual e para a sobrevivência da espécie, mas alguns dos benefícios do casamento, como sexo, intimidade e segurança econômica, não estão restritos ao matrimônio (GARDINER et al. 1998 apud PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2006).

O início da idade adulta é caracteristicamente uma época de intensas mudanças nos relacionamentos pessoais no qual as pessoas constituem, renegociam ou consolidam laços baseados na amizade, na sexualidade e no amor, ao adquirirem a responsabilidade por si mesmos e ao exercitarem o direito de tomar suas próprias decisões. Segundo Erikson (1976 apud Papalia, Olds & Feldman 2006, p.561):

Desenvolver relacionamentos íntimos é a tarefa decisiva desse período na sociedade altamente móvel de hoje, as amizades podem vir e ir, assim como amantes e parceiros sexuais, ainda assim, os relacionamentos prosseguem sendo essenciais, enquanto os jovens adultos decidem se casar, formar parcerias sem se casar, formar parcerias homossexuais, viver sozinhos, ter ou não ter filhos, intimidade é uma "experiência de proximidade, afetuosa e comunicativa"

Rosenbluth e Steil (1995, p. 62) comentam sobre um importante elemento da intimidade é a autorevelação, são informações importantes sobre si mesmo a outra pessoa. Os relacionamentos pessoais podem ser fortificantes para a saúde, adultos sem amigos ou entes queridos são incapazes de resolver uma ampla gama de problemas, incluindo acidentes de trânsito, transtornos de alimentação e suicídio, depressão, ansiedade entre outros, pessoas isoladas dos amigos e da família têm o dobro de chances de ficarem doentes e de morrerem do que pessoas que mantêm laços sociais, é possível que pessoas saudáveis tenham maior disposição a manter relacionamentos, os laços sociais podem promover um senso de significado ou de coerência na vida, o apoio emocional pode ajudar a minimizar o estresse as pessoas que cultivam contato com outras podem ter mais dedicação a necessidades básicas, a fazer

exercícios físicos suficientemente, a evitar abuso de substâncias e a obter a assistência médica necessária (HOUSE et al 1988, BAUMEISTER e LEARY,1995 apud PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2006).

Pessoas casadas, segundo algumas pesquisas, especialmente homens, tendem a ser mais saudáveis fisicamente e psicologicamente do que aquelas que nunca se casaram ou que são viúvas, separadas ou divorciadas, pessoas casadas também vivem por mais tempo e tendem a ter melhor situação financeira, fator associado à saúde física e mental. Tanto os homens como mulheres conferiam isso a uma atitude positiva em relação ao cônjuge, ao comprometimento com o casamento e à crença em sua santidade e à convergência de objetivos e de metas, casais bem-sucedidos no casamento, passavam muito tempo juntos e compartilhavam de muitas atividades (ROSS et al 1990 apud PAPALIA, OLDS & FELDMAN 2006).

Um dos fatores mais admiráveis no êxito conjugal é um senso de comprometer-se, o atrelamento entre os parceiros completa um papel no empenho com o casamento, mas o fator mais forte é um sentimento de obrigação com o cônjuge, o êxito no casamento está intimamente associado como os parceiros comunicam-se, tomam decisões e lidam com os conflitos, discutir e expressar raiva abertamente parece ser adequado para um casamento, queixas, atitudes defensivas, teimosia e retraimento são sinais de problema (PAPALIA, OLDS & FELDMAN 2006).

De acordo com Papalia, Olds & Feldman (2006), as dificuldades econômicas podem causar estresse emocional no casamento, aumentando a probabilidade de conflitos, um fator sutil subjacente ao conflito e ao fracasso conjugal, pode ser uma diferença entre o que os dois sexos esperam do casamento, para muitas mulheres, a intimidade sexual envolve dividir sentimentos e segredos íntimos, os homens tendem a expressar intimidade através do sexo, da ajuda prática, do companheirismo e das atividades compartilhadas.

A impossibilidade entre o que as mulheres esperam de seus maridos e o modo como os homens se veem, pode ser promovida pelos meios de comunicação, as manchetes, o texto e as fotografias nas revistas masculinas continuam reforçando o papel masculino tradicional de proteção da família, enquanto as revistas femininas mostram os homens em papéis de provedores. Atitudes dos homens e das mulheres em relação à paternidade/maternidade, tanto os homens como as mulheres, costumam ter sentimentos ambíguos sobre ter filhos, juntamente com a empolgação, podem sentir ansiedade em relação à responsabilidade de cuidar de um filho e ao comprometimento de tempo e de energia que isso submerge, acarretando no fracasso de outros papeis sociais gerando frustração e fechamento de si (PAPALIA, OLDS & FELDMAN 2006).

De acordo com O'Connor & Wolfe (1987 apud Quishida e Casado 2009), se o procedimento de individuação se torna mais intenso em momentos de mudança, é na meia-idade que a trajetória de carreira se desdobra embora mais estressante, quando afrontada às etapas anteriores da vida, a adaptação à passagem de carreira emerge como uma conveniência para a reavaliação de valores individuais no domínio do trabalho e para a constituição de um caminho, que requeira a esclarecimento do novo autoconceito profissional.

O estresse incide não apenas da perda de renda e de conseqüentes dificuldades financeiras, mas também dos efeitos dessa perda sobre o autoconceito e sobre os relacionamentos familiares, homens adaptam sua masculinidade com o sustento da família e pessoas de ambos os sexos que baseiam sua identidade no trabalho, podem deliberar seu valor em termos de valor monetário. Esta postura cria um ambiente hostil ou abusivo, gerando pressão psicológica, exaustão emocional e sensação de incapacidade de realização no trabalho, quando perdem o emprego, perdem uma parte de si mesmos e de sua autoestima e sentem-se com menor domínio sobre sua vida (FORTEZA; PRIETO, 1994; PERRUCCI et al., 1988; VOYDANOFF, 1987, 1990 apud QUISHIDA E CASADO 2009),

Níveis elevados de estresse relacionado ao trabalho foram descritos em muitas outras partes do mundo, o colapso habitua ser uma resposta ao estresse sucessivo, mais do que a uma crise imediata, seus sintomas incluem fadiga, insônia, dores de cabeça, resfriados persistentes, dores de estômago, abuso de álcool ou drogas e problemas para se relacionar com as pessoas. Um profissional esgotado pode abandonar o emprego repentinamente, afastar-se da família e dos amigos e mergulhar na depressão (BRILEY, 1980; MASLACH; JACKSON, 1985 apud QUISHIDA e CASADO 2009).

Na sociedade atual, as questões respectivas ao trabalho emergem com uma série de pontos para reflexão, responsável por prover recursos econômicos, subsequentemente, o trabalho pode trazer a realização e satisfação de necessidades sociais ou de colaboração, o trabalho pode ser considerado um sistema dinâmico de vínculos, diante desse contexto as amizades durante a idade adulta, tendem a se centralizar nas atividades de trabalho e de criação dos filhos e no compartilhamento de segredos e conselhos (HARTUP; STEVENS, 1999 apud QUISHIDA e CASADO 2009).

As amizades geralmente se fundam em interesses e valores mútuos, e desenvolvem-se entre pessoas da mesma geração ou na mesma etapa de vida familiar, que validam as crenças e o comportamento uma das outras, evidentemente, as amizades variam em caráter e em qualidade, algumas são extremamente íntimas e favoráveis, outras são marcadas por conflitos frequentes, alguns amigos têm muitos interesses em comum, outros se baseiam em uma única

atividade comum, como boliche ou futebol, algumas amizades são para toda a vida; outras são efêmeras umas "grandes amizades" são mais estáveis do que os laços com um cônjuge, jovens solteiros dependem mais das amizades para preencher suas necessidades sociais do que jovens casados ou pais jovens (CARBERY; BUHRMESTER, 1998 DYKSTRA, 1995, HARTUP e STEVENS, 1999, DAVIS, 1985 apud PAPALIA, OLDS & FELDMAN 2006).

São os recém-casados que possuem o maior número de amigos, o número de amigos e a quantidade de tempo passado em sua companhia geralmente diminui na meia idade, mesmo assim, as amizades são importantes para eles, às pessoas que têm amigos tendem a ter uma sensação de bem-estar, ter amigos faz as pessoas se sentirem bem consigo mesmas, ou mesmas têm mais facilidade para fazer amizades. Embora Erikson definisse constituição de identidade como principal preocupação da adolescência, ele observou que a identidade continua se desenvolvendo, na verdade, alguns pesquisadores do desenvolvimento veem a formação da identidade como a questão central da idade adulta (MCADAMS et al, 1992 apud PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2006).

A identidade pode consistir não somente de um self, mas de múltiplos "selves imagináveis", incluindo o self que a pessoa espera ser e o self que a pessoa tem medo de ser, pontos de transição, como a transição da meia-idade, costumam envolver modificações no modo como às pessoas se veem. Como Erikson (2004) observou, a identidade está intimamente ligada aos papéis e aos compromissos sociais, uma vez que a meia-idade é uma época de balanço em relação aos papéis e aos relacionamentos, ela pode trazer à tona questões de identidade não resolvidas (EIZIRIK et al, 2001),

O campo relativamente novo da Psicologia Narrativa vê o desenvolvimento da identidade como um processo contínuo de construção de nossa história pessoal de vida, numa narrativa dramática que nos ajude a abranger nossa vida, assim, alguns psicólogos narrativos vê a própria identidade como essa história ou um roteiro internalizado, as pessoas seguem o "roteiro" que criaram à medida que expressam sua identidade por seus atos (MCADAMS et al., 1997 apud PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2006).

Segundo Whitbourne e Connolly (1999 apud Papalia & Feldman, 2006, p.632), identidade é desenvolvida a partir de percepções acumuladas do self, tanto conscientes como inconscientes. Traços de personalidade percebidos, ("Sou sensível" ou "Sou teimoso"), características físicas e aptidões cognitivas são incorporados ao esquema de identidade, essas percepções de nós mesmos são constantemente confirmadas ou alteradas em resposta às novas informações, que podem ser provenientes de relacionamentos íntimos, de situações relacionadas com o trabalho, de atividades comunitárias e de outras experiências.

Na transição da idade adulta, um homem reavalia sua estrutura de vida inicial e procura aprimorar, ele fixa metas e um prazo para cumpri-las, ele fundeia sua vida na família, na profissão e na comunidade, as maneiras de lidar com as questões dessa fase irão afetar a transição da meia-idade, as mulheres passam por épocas, fases e transições semelhantes, segundo Levinson (1996 apud Eizirik et al 2001), mas em função das divisões culturais tradicionais entre papéis masculino e feminino, as mulheres podem enfrentar pressões psicológicas e ambientais diferentes na concepção de suas estruturas de vida.

As pessoas interpretam suas interações com o ambiente por meio de dois processos contínuos, semelhantes aos que Piaget (1999), descrevia para o desenvolvimento cognitivo das crianças assimilação de identidade e acomodação de identidade. A assimilação de identidade é uma tentativa de harmonizar-se novas experiências em um esquema existente, a assimilação de identidade tende a preservar a continuidade do self. O processo de acomodação de identidade é o ajustamento do esquema para com a nova experiência, a acomodação de identidade tende a ocasionar mudanças necessárias, as pessoas costumam resistir à acomodação até que certos fatos as forcem a reconhecer essa necessidade (PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2006).

O equilíbrio que uma pessoa costuma alcançar entre assimilação e acomodação determina seu estilo de identidade, uma pessoa que utiliza mais assimilação do que acomodação possui um estilo de identidade assimilativo, uma pessoa que utiliza mais a acomodação possui um estilo de identidade a comodato, a excessiva utilização de assimilação ou de acomodação é insalubre, diz Whitbourne (1999 apud Papalia, Olds & Feldman, 2006, p.632),

As pessoas que assimilam constantemente estão enganando a si mesmas e não aprendem com a experiência, elas só veem o que estão procurando. Elas podem fazer todo o possível para não terem que reconhecer suas insuficiências, as pessoas que constantemente acomodam são fracas, facilmente dominadas e altamente vulneráveis a críticas; sua identidade é facilmente ameaçada.

Embora uma pessoa possa ocupar diversos papéis ao longo do curso de vida, alguns papéis estão explicitamente relacionados à idade, principalmente quanto à hierarquia, os papéis também provêm oportunidade de acesso a lugares, pessoas e atividades, dessa forma, a experiência do envelhecimento envolve necessariamente mudança de papéis (KAHN; ANTONUCCI, 1979 apud PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2006).

O mais saudável é um estilo de identidade equilibrado, observado nos indivíduos mais maduros, em que "a identidade é satisfatoriamente flexível para mudar quando imprescindível, mas não é estruturada ao ponto de que qualquer nova experiência faça com que a pessoa

examine suposições fundamentais em relação a si mesmas” (WHITBOURNE E CONNOLLY,1999 apud PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2006, p. 28).

Segundo Whitbourne e Connolly (1999 apud Papalia & Feldman, 2006, p.632), as pessoas passam com alterações físicas, mentais e emocionais adjuntas à chegada da velhice de um costume muito semelhante ao que utilizam para lidar com outras experiências que desafiam o esquema de identidade, pessoas assimilativas procuram manter uma autoimagem de juventude a todo custo, pois para os autores:

Pessoas acomodativas podem identificar-se, talvez prematuramente, como velhas e preocupar-se com os sintomas do envelhecimento e da doença, as pessoas com um estilo equilibrado reconhecem as modificações que estão ocorrendo de forma realista, procurando controlar o que pode ser controlado e aceitar o que não pode. Entretanto, os estilos de identidade podem mudar diante de fatos profundamente intrigantes, como perder o emprego para uma pessoa mais jovem, assim, uma crise de meia-idade pode ser uma reação acomodativa extrema a um conjunto de experiências que não podem mais ser processadas através de assimilação de identidade.

Segundo McAdams (1993 apud Papalia, Olds & Feldman, 2006), a meia-idade costuma ser uma época de revisão da história de vida, uma "crise de meia-idade" pode ser vivenciada como uma ruptura perturbadora no prosseguimento e na coerência do enredo. Para Rosenberg et al. (1999), à medida que as pessoas envelhecem, a geratividade pode tornar-se um tema importante da história de vida, um script de geratividade pode dar à história um final afortunado, ele faz com que as pessoas se sintam necessárias e ocasiona uma sensação de "imortalidade simbólica", ele se baseia na convicção de que atos gerativos fazem diferença (MCADAMS et al AUBIN, 1992 apud PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2006).

Erikson (1976) pontua outros fatores na adaptação psicológica, como mencionamos, do funcionamento psicológico saudável na meia-idade, dependem do êxito na resolução da crise essa resolução geralmente ocorre no contexto dos relacionamentos sociais e dos envolvimento com papéis. Constatou que a Geratividade é fundamental para um ajustamento psicossocial bem-sucedido na meia-idade, homens mais bem-ajustados eram os mais generativos, avaliada segundo sua responsabilidade com outras pessoas no trabalho, suas doações à instituições de caridade e as realizações de seus filhos, esses homens eram quatro vezes mais propensos a utilizar formas maduras de enfrentamento, como altruísmo e humor, do que utilizar formas imaturas, como beber ou desenvolver hipocondria (PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2006).

Segundo Lazaeta (1994 apud Silva e Günther, 2000, p.32)

O envelhecimento, os fundamentais fatores de influência da sociedade sobre o sujeito são a resposta social ao decaimento biológico, a alienação do trabalho, a alteração da identidade social, perspectivas e comprometimentos formalizados.

Nesse contexto Kahn e Antonucci (1979 apud Silva e Günther 2000), notam a importância das habilidades que são esperadas de uma pessoa para entender as mudanças que ocorrem no fluxo de vida, vez que estão tomando determinada posição no espaço social, esses estilos, definidos como papéis sociais, são influenciados pelo que se tem expectativa de uma pessoa e pelo que a própria pessoa espera de si mesma, tais papéis sociais proporcionam propriedades positivas ao favorecerem oportunidades de aquisição e uso de habilidades, apresentam propriedades negativas ao gerarem tensões, conflitos e ambiguidades.

De modo geral, o bem-estar de homens, está sendo reconhecido como importante fonte de bem estar emocional, harmonizando um senso de independência e de competência separado das obrigações familiares, apesar do potencial de estresse, meia-idade parecem progredir com múltiplas funções, o envelhecimento psíquico ou amadurecimento não é naturalmente progressivo nem ocorre inexoravelmente, como efeito da passagem de tempo, sobretudo, do esforço pessoal contínuo na busca do autoconhecimento e do sentido da vida (ANTONUCCI; AKIYAMA; BARNETT apud QUEROZ e NERI, 2005).

De modo semelhante, em um estudo longitudinal com o bem-estar tem muitas facetas, diversos pesquisadores utilizaram critérios diferentes para medi-lo, tornando difícil a comparação de resultados, já Carol Ryff et al. (1999), utilizando-se de uma gama de teorias, desde a de Erikson até a de Maslow⁴, desenvolveu um modelo multifacetado que incluem dimensões, de bem-estar. O autoconhecimento, o estudo da estrutura e dinâmica do psiquismo e a superação dos conflitos do cotidiano são indispensáveis para que se possa atingir a independência psíquica, condição indispensável para a sabedoria, o amadurecimento é conquista individual e se traduz pela modificação dos valores de vida ou pela aquisição da consciência. O envelhecimento bem-sucedido é visto como um processo geral de adaptação descrito como otimização seletiva com compensação (BALTES, 1991 apud QUEROZ e NERI 2005).

⁴ A hierarquia de necessidades de Maslow, proposta pelo psicólogo americano Abraham H. Maslow, baseia-se na idéia de que cada ser humano esforça-se muito para satisfazer suas necessidades pessoais e profissionais. É um esquema que apresenta uma divisão hierárquica em que as necessidades consideradas de nível mais baixo devem ser satisfeitas antes das necessidades de nível mais alto. Segundo esta teoria, cada indivíduo tem de realizar uma “escalada” hierárquica de necessidades para atingir a sua plena auto-realização. Para tanto, Maslow definiu uma série de cinco necessidades do ser. Onde existem as necessidades primárias que são as fisiológicas e as de segurança e as necessidades secundárias, que são as sociais, estima e auto-realização. Necessidades fisiológicas: São aquelas que relacionam-se com o ser humano como ser biológico. Necessidades de segurança: São aquelas que estão vinculadas com as necessidades de sentir-se seguros: sem perigo, em ordem, com segurança, de conservar o emprego etc. Necessidades de estima: Existem dois tipos: o reconhecimento das nossas capacidades por nós mesmos e o reconhecimento dos outros da nossa capacidade de adequação. Necessidades de autorealização: Também conhecidas como necessidades de crescimento.

Contudo, podemos dizer como Lotman (1990), que a identidade é a construção do mundo intelecto particular dos indivíduos, desenvolvida na sua interação com o funcionamento do ambiente cultural ou mundo intelectual no qual a humanidade e a sociedade estão implantadas. Neste espaço cultural, são geradas diferentes intercessões da comunicação no interior das interações humanas, de modo que a influência mútua entre a forma de cada tipo e conteúdo mediado constitui um texto. Então, a crescente limitação imposta pela natureza biológica e no desígnio de aumentar suas potencialidades, o trabalho adaptativo consiste em eleger finalidades e objetivos mais adaptáveis para otimizar recursos e compensar perdas (FÁVERO, 2005).

METODOLOGIA

A Metodologia utilizada neste estudo é a pesquisa qualitativa. Seguindo o pensamento de Dilthey, Flick e cols. (2000 apud Günther, 2006), a precedência da abrangência como princípio da informação, que seleciona estudar relações intrincadas ao invés de elucidar por meio da separação de variáveis tem a ver com o contexto qualitativo. Uma segunda particularidade geral é a constituição do fato. A investigação é embargada como um ato individual de construção, asseguram que a descoberta e a construção de teorização elementos de estudo desta abordagem. Um seguinte aspecto geral da pesquisa qualitativa, é que apesar da crescente gravidade de material visual, a pesquisa qualitativa é uma ciência fundamentada em textos, ou seja, a coleta de elementos produz textos que nas disparidades técnicas analíticas são explanados hermeneuticamente. A pesquisa qualitativa é indutiva, isto é, o pesquisador amplia considerações, ideias e entrosamentos a partir de amostras descobertos nos dados, ao oposto de arrecadar subsídios para corroborar proposições, hipóteses e modelos preconcebidos (MORESI, et al, 2003).

Para Mayring (2002 apud Günther, 2006) a ênfase no contexto do sujeito como elemento de estudo é essencial para a análise qualitativa, aliás, a compreensão do elemento de estudo qualitativo consecutivamente é salvo-conduto na sua historicidade, no que diz consideração à metodologia ampliação do indivíduo e no conjunto dentro do qual o indivíduo se desenvolveu. Este estudo almeja apresentar a pesquisa a desígnio de subsídios essenciais sobre a constituição do ser humano, histórico e psicossocial, explicitam-se as bases metodológicas implícitas no método de investigação e aborda a mediação na constituição da individualidade humana em seu meio.

Desse modo, buscou-se investigar e explorar as implicações, recorrendo a metodologias qualitativas com o intuito de analisar as percepções e significados atribuídos à meia idade, na perspectiva do sujeito no processo do desenvolvimento humano de gênero masculino, com a faixa etária de 30 a 50 anos e ainda a finalidade é averiguar as principais papeis sociais e psicológicas associado do envelhecer.

Segundo Baltes & Smith (2004 apud Neri, 2006, p.)

Uma vez que avalia múltiplas condições, temporalidade e dimensões do desenvolvimento, e transacional, dinâmico e contextualiza abrange o desenvolvimento como o método contínuo, multidimensional e multidirecional de transformações orquestrados por influência genético-biológicas e sociológica-culturais de caráter normativo ou não, caracterizado por ganhos e perdas contínuos e por interatividade entre o sujeito e a cultura, ocorre ao extenso gradual das fases uma conjunto previsível de alterações psicossociais determinadas pelos processos de socialização.

De fato, a ampla revisão de estudos, de âmbito psicológico, permite constatar que a integração de metodologias qualitativas, permitirá alcançar de uma forma mais aprofundada e completa os objetivos propostos. Neste estudo foi utilizada pesquisa bibliográfica, com a utilização de livros e artigos correlatos ao tema. Segundo Amaral (2007), a pesquisa bibliográfica é uma etapa crucial em todo trabalho científico que impactará a pesquisa como um todo, no momento em que der a referência teórica em que se tem como base o trabalho. Constitui-se na apuração, escolha, fichamento e registro de informações pertinente à pesquisa. É fundamental, portanto, antes mesmo de todo e qualquer trabalho científico fazer uma pesquisa bibliográfica pertinente ao tema que está proposto. A pesquisa bibliográfica tem os seguintes objetivos: elaborar um histórico sobre o assunto; procurar respostas aos problemas formulados; evitar repetição de trabalhos que já foram apresentados.

De acordo com Domingues (2005, p.36)

A Revisão Bibliográfica serve basicamente a três funções importantes: 1. Dar continuidade ao processo de fornecer ao leitor uma informação de background necessária para entender o estudo; 2. Garantir ao leitor que o autor do trabalho está familiarizado com as pesquisas relevantes que têm sido realizadas na sua área de pesquisa; e 3. Estabelecer o estudo relatado no trabalho como um elo em uma corrente de pesquisa que está desenvolvendo e aumentando o conhecimento em um campo de atuação.

Segundo Minayo (2001) a pesquisa bibliográfica coloca em jogo os objetivos do pesquisador e os autores em sua volta de interesse. Esse interesse em relatar ideias e pressupostos tem como lugar privilegiado de pesquisas as bibliotecas, os centros especializados e arquivos. Nesse caso, trata-se de um enfrentamento da teoria que diretamente não ocorre entre

pesquisador e atores sociais que estão em outra realidade singular considerando o contexto histórico-social.

Neste sentido Gil (2002, p. 78), comenta que:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda per capita; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos.

Para delinear o material pesquisado foi utilizado a análise de conteúdo, pois segundo Bardin (2004), a análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção destas mensagens. Caracteriza-se, assim, como um método de tratamento da informação contida nas mensagens. Para a utilização do método é necessária a criação de categorias relacionadas ao objeto de pesquisa. As deduções lógicas ou inferências que serão obtidas a partir das categorias serão responsáveis pela identificação das questões relevantes contidas no conteúdo das mensagens.

O analista trabalha com palavras que, isoladas, podem atribuir relações com a mensagem ou possibilitar que se faça inferência de conhecimento a partir da mensagem. São, dessa maneira, estabelecidas correspondências entre as estruturas linguísticas ou semânticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas dos enunciados. A leitura do pesquisador responsável pela análise não é, portanto, uma leitura à letra, mas, o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano (BARDIN, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, visou-se primeiramente somar o conhecimento sobre o tema para tornar o problema de pesquisa mais explícito e preciso e estabelecer prioridades para futuras pesquisas, admitiu avaliar uma percepção positiva do homem sobre seu envelhecimento, A singularidade individual torna-se mais exuberante quando se ponderam ambas as estaturas, biológica e psíquica, conexas ao contexto social, ou seja, a integralidade do sujeito, o processo de envelhecimento é, deste modo, definitivamente particular e variável.

Os resultados desse estudo corroboram às bases científicas do conhecimento acerca do desenvolvimento humano, assinaladas por uma visão normativa de estágios, de caráter universal, irreversível, evoluindo de forma progressiva, para uma complexidade crescente. O estudo foi extremamente enriquecedor, uma vez que colaborou para evidenciar que os homens compreendem as diferentes dimensões no curso do envelhecimento, de acordo com suas experiências e com as interações constituintes a partir do momento que ingressam no processo à construção do envelhecer.

Nessa perspectiva, a Psicologia, ao inserir a vida humana dentro de um delineamento científico, unificou a direção da vida, oferecendo uma direção e uma intuição. A decorrência encontrada da pesquisa mostra, na nota em que as teorias científicas do desenvolvimento são incorporadas à cultura, que é assegurado o espaço de produção, que lhe assegura o papel de autor, e responsável pelos seus descendentes e, deste modo, de referência para as outras fases da vida, a este só resta nesta fase transmitir a sabedoria acumulada ao longo da vida, para amenizar as marcas da decadência e do declínio que se propagam através das perdas biológicas, ligam-se muito mais à formação dos papéis sociais e para a produção do que à realização plena do sujeito, de acordo com suas probabilidades, em cada fase da vida, passam a se constituir em elementos do imaginário que dão organicidade aos grupos sociais e que definem os espaços designados a cada indivíduo em uma dada configuração social, compartilhando, assim, da construção de suas identidades.

As leituras realizadas permitiram conceber em última instância, que os benefícios da vida adulta correspondem a objetivos deliberados pela própria sociedade e designam o ápice do desenvolvimento, de sujeito ativo e participante, tornamo-nos objetos das normas e regras sociais, assim, se o rumo de nosso desenvolvimento corresponde a uma gradual sequência de aquisições previamente instituídas, visando um futuro produtivo na sociedade, corremos o risco de padecermos de nossa história, ao invés de construí-la.

A partir da constatação de que esta temática vem sendo pouco explorada, observa-se que há uma série de questões que não foram ainda pesquisadas. É necessário empreender esforços inicialmente na tentativa de compreender os fundamentos deste processo do envelhecimento, onde o gênero masculino possa compreender e entender esta fase, onde muitas vezes ignoradas ou até mesmo desconhecida, pelo qual é observado na atualidade. Ao que semelha, o compromisso social do campo científico mais relacionado nestes tempos em que vivemos não está em procurar alternativas para a reversão do processo de envelhecimento, mas em mencionar condições para que este processo seja compreendido, visando a não limitação do objeto a ser pesquisado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A., CUNHA, G. **Representações Sociais do Desenvolvimento Humano.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003, 16(1), pp. 147-155 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v16n1/16806.pdf> Último Acesso: 12/04/2016.

CAMARGO, B., TRIGUERO, M., VELOZ, SCHULZE, C. **Representações Sociais do Envelhecimento.** Psicol. Reflex. Crit. vol.12 n.2 Porto Alegre 1999. Disponível em: [pepsic.bvsalud.org/scielo.php? Script=sci_arttext&pid=S1413-389X2000000300007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S1413-389X2000000300007). Último Acesso: 12/04/2016.

COUTINHO, X., TOMAZETI, V. & ACOSTA, F. **Representação de Corpo na Velhice: O Corpo Real Versus o Corpo Social.** Revista Kairós Gerontologia,16(4), pp.215-236, 2013. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-768693>. Último Acesso: 12/04/2016.

DAMASCENO, O., VIANNA, A., VIANNA, M., LACIO, M., LIMA, P., NOVAES, S. **Imagem corporal e corpo ideal.** Revista. bras. Cia. e Mov.2006; 14(1): p.87-96. Acessado em: www.researchgate.net/publication/236019947_Imagem_corporal_e_corpo_ideal. Último Acesso: 12/04/2016.

DUARTE, L. **Idade Cronológica: Mera Questão Referencial no Processo de Envelhecimento.** Porto Alegre, v.2, p.35-47, 1999. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/viewFile/5473/3109>. Último Acesso: 12/04/2016.

EIZIRIK, C., KAPCZINSKI, F., BASSOLS, A. **O Ciclo da Vida Humana: Uma Perspectiva Psicodinâmica.** Porto Alegre, Artmed 2001, Reimpressão 2007.

FÁVERO, H. **Desenvolvimento Psicológico, Mediação Semiótica e Representações Sociais: Por uma Articulação Teórica e Metodológica, Psicologia: Teoria e Pesquisa** Jan-Abr 2005, Vol. 21 n. 1, pp. 017-025, Universidade de Brasília. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v21n1/a04v21n1.pdf>. Último Acesso: 12/04/2016.

FRAIMAN, A. **Coisas da idade, Coleção Plenitude** - Volume II- São Paulo, Alexa Cultural, 2004.

GÜNTHER, H. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?** Psicologia: Teoria e Pesquisa. Universidade de Brasília Mai-Ago 2006, Vol. 22 n. 2, pp. 201-210 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>. Último Acesso: 12/04/2016.

HALL, C., LINDZEY, CAMPBELL, J. **Teoria das Personalidades**.4º ed. São Paulo, Artmed, 2000.

MENDONÇA, A. **Processo de transição e percepção de adultez: análise diferencial dos marcadores identitários em jovens estudantes e trabalhadores**. Unpublished master's thesis. University of Porto, Portugal, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marina_Mendonca/publication/37656531. Último Acesso: 12/04/2016.

MORESI, E. et al. **Metodologia da pesquisa**. Universidade Católica de Brasília, 2003. Disponível em: http://ftp.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1370886616.pdf. Último Acesso: 12/04/2016.

NERI, A. **O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento**. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 17-34, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X200600010005 Último Acesso: 12/04/2016.

PAPALIA, D., OLDS, S., FELDMAN, R. **Desenvolvimento Humano**. 8a ed. São Paulo, Artmed, 2006.

PORTELLA, M., FOSSATTI, F., SILVA, C. **Percepção do Homem Idoso em Relação às Transformações Decorrentes do Processo do Envelhecimento Humano**. 111 Estud. Interdiscip. Envelhec., Porto Alegre, v. 12, p. 111-126, 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4982/0>. Último Acesso: 12/04/2016.

QUEROZ, N., LIBERALESSO, A. **Bem-estar Psicológico e Inteligência Emocional entre Homens e Mulheres na Meia-idade e na Velhice.** Psicologia: Reflexão e Crítica, Universidade Estadual de Campinas 2005, 18(2), pp.292-299 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27481.pdf>. Último Acesso: 12/04/2016.

QUISHIDA, A., CASADO, T. **Adaptação à Transição de Carreira na Meia-Idade.** Universidade de São Paulo. Revista Brasileira de Orientação Profissional, 2009, 10(2). Disponível:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167933902009000200009 Último Acesso: 12/04/2016.

SILVA, I, GÜNTHER, I. **Papéis Sociais e Envelhecimento em uma Perspectiva de Curso de Vida.** Psicologia: Teoria e Pesquisa Jan-abr. 2000, Vol. 16 n. 1, pp. 031-040 Fundação Educacional do Distrito Federal Universidade de Brasília. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/12407>. Último Acesso: 12/04/2016.

SOUZA, M., SANTOS C., LIMA, F., VASCONCELOS, C., MELO, F. **O Corpo na perspectiva masculina: a satisfação com a Imagem Corporal e sua relação com discrepância na percepção, IMC, escolaridade e idade.** R. bras. Cia. e Mov. 2013;21(2): 49-56. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18511/0103-1716/rbcm.V.21n2p49-56>. 2013. Último Acesso: 12/04/2016.

SPINK, M. J. P. **O conceito de representação social na abordagem psicossocial.** Cad. Saúde Pública vol.9 no.3 Rio de Janeiro July/Set. 1993 disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csp/v9n3/17> Último Acesso: 12/04/2016